Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Midiatização e conhecimentos ambientais: impactos das plataformas digitais e inteligências artificiais na natureza[1]

Mediatization and environmental knowledge: digital platforms and artificial intelligence's impact in nature

João Felipe Tavares Silva
Maria Fernanda Monteiro

Palavras-chave: Midiatização; Meio Ambiente; Inteligência Artifcial.

1. Introdução

A midiatização é um conceito imprescindível para entender a interação entre os meios de comunicação e a sociedade, bem como as mudanças comunicativas que ocorrem nesse contexto, sendo caracterizada pela instantaneidade e simultaneidade. Ela se refere ao processo pelo qual a mídia se torna cada vez mais presente e influente em diferentes aspectos da vida social, moldando não apenas a forma como as informações são transmitidas, mas também como as pessoas se relacionam (Gomes, 2016).

Para Gomes (2016), tal perspectiva reconhece que os meios de comunicação não são apenas ferramentas neutras de transmissão de informações, mas atores ativos na construção da cultura, sociedade e práticas sociais. Dessa forma, a midiatização leva em consideração a expansão dos meios técnicos de comunicação e sua interação com as

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

mudanças socioculturais, destacando a importância de compreender como essa expansão afeta a maneira como percebemos o mundo e nossa relação com ele.

> A midiatização tornou-se cada vez mais um conceito chave, fundamental, essencial para descrever o presente e a história dos meios e a mudança comunicativa que está ocorrendo. [...] É necessário desenvolver uma compreensão de como a crescente expansão dos meios de comunicação muda nossa construção da cultura, da sociedade e das diferentes práticas sociais. (Gomes, 2016, p. 2)

Soster (2015) conceitua o processo em que a midiatização implica em uma relação de interdependência entre a mídia e a sociedade como dialogia. Ele está presente em diversos aspectos da vida contemporânea, desde a forma como consumimos notícias até como nos relacionamos socialmente. A dialogia:

> [...] Diz respeito ao que resulta do acoplamento estrutural entre dois sistemas, provocando transformações em um e outro. É quando o jornalismo, por exemplo, vai buscar na literatura subsídios para estabelecer diferenças, reconfigurando-se nas instâncias de emissão, recepção, circulação e reconhecimento, ou quando, dialogicamente, a literatura passa a se valer de lógicas comunicacionais para dar conta de seus processos. (Soster, 2015, p. 17)

As plataformas infraestruturais entram justamente neste âmbito. Por apresentarem vinculação direta com os processos de produção, processamento e intercâmbio de dados, elas também operam como infraestruturas a partir das quais são viabilizadas e geridas múltiplas relações comerciais e sociais (D'Andréa, 2023). Dessa forma, analisando a partir da ótica da midiatização, que abrange todo o universo da comunicação, incluindo as redes sociais, as *Big Techs* e a Inteligência Artificial em diálogo direto com as questões climáticas, esses agentes estão intrinsecamente ligados às transformações sociais, culturais e tecnológicas da contemporaneidade, moldando e sendo moldada pela processualidade da midiatização.

A pesquisa aqui proposta caracteriza-se como exploratória (Gil, 2002), de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica. Os dados do resumo foram coletados por meio de revisão e diálogo entre autores que discutem midiatização e plataformização (Gomes, Soster, Verón, Fausto Neto, Couldry e Hepp, D'Andréa),

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

buscando debater o papel da plataformização e midiatização na emergência climática atual.

2. Plataformização da emergência climática

A midiatização abrange todo o universo da comunicação e de suas infraestruturas subjacentes, incluindo as *Big Techs* e a forma como a sociedade lida com a atual crise climática, se configurando como um conceito fundamental para analisar como o debate ambiental se tornou uma parte intrínseca do desenvolvimento tecnológico.

Através da internet e da expansão computacional, a passou a interferir diretamente nas respostas aos desafios socioambientais. Observa-se a ascensão de um fenômeno que vincula plataformas infraestruturais à crise climática, onde lógicas computacionais e econômicas de empresas como o Google incidem influência fundamental sobre a pauta da emergência ambiental.

Para Fausto Neto (2018), a sociedade dos meios passa a ser uma sociedade midiatizada no período da revolução tecnológica. Neste momento, as pessoas passam a viver suas relações por meio de instrumentos tecnológicos. Assim, começa a funcionar na sociedade um novo tipo de realidade sociotécnica. No contexto climático, isso implica uma interação complexa e paradoxal entre os meios de comunicação estruturais (plataformas) e o meio ambiente.

As plataformas assumem o papel de produtoras de conhecimento através da Inteligência Artificial (IA) para mitigar desafios climáticos. Simultaneamente, essas mesmas infraestruturas exigem um alto consumo de energia, água e outros recursos naturais para operarem. Neste cenário, as *Big Techs* passam a atuar como uma

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

"infraestrutura de conhecimento", fornecendo bases de dados e modelos computacionais que pautam os discursos ambientais globais.

> As plataformas buscam se posicionar como atores fundamentais nos processos de financiamento e de produção de conhecimento voltados para mitigação ou mesmo solução de desafios da emergência climática. Esta relação paradoxal das plataformas - pretendem ser parte ativa das 'soluções' ao mesmo tempo em que são, de forma cada vez mais intensa, parte do problema - tem sido tematizada por um conjunto ainda pequeno número de estudos (D'Andréa, 2023, s. p.).

Para Verón (2014), os dispositivos — que proporcionam a modificação na dinâmica sociotécnica por meio do ciberespaço — são objetos materiais que atuam como intermediários na comunicação e na interação entre os sistemas socio-individuais e o ambiente midiático. Esses dispositivos assumem hoje a forma de infraestruturas massivas, como os *data centers*, que abrigam os dados na "nuvem". Embora fundamentais para o desenvolvimento de sistemas sociais complexos, o funcionamento ininterrupto e a refrigeração desses espaços físicos geram impactos ambientais desproporcionais.

O ponto central aqui é que a exteriorização dos processos mentais em vastos modelos computacionais de Inteligência Artificial, altera de maneira latente as escalas de espaço e tempo. Verón (2014) associa a midiatização à aceleração do tempo histórico: as sociedades contemporâneas vivenciam mudanças em um ritmo mais acelerado devido à evolução dos meios de comunicação.

No cenário da emergência climática plataformizada, essa aceleração é quantificável e drástica. A capacidade computacional demandada para treinar grandes modelos de linguagem (LLMs) cresceu exponencialmente em pouquíssimos anos, elevando o custo socioambiental dessa competição tecnológica a níveis inéditos. Estamos falando de um processo multidimensional que afeta instâncias de organizações, propiciando integrações anteriormente desagregadas, como o monitoramento em tempo real do desmatamento da Amazônia, impulsionado por plataformas como o *Google Earth Engine* em parceria com institutos de pesquisa.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Soster (2020) explica que os fenômenos midiáticos são transformações que ocorrem quando os sentidos são materializados em dispositivos digitais, conferindo autonomia às narrativas.

> O conceito de autonomia aqui adotado refere-se à possibilidade de existência de uma certa uniformidade semântica em determinados registros sob condições específicas, à revelia dos vínculos que venham estabelecer posteriormente, considerando sua materialidade (Soster, 2020, p. 120).

A transformação das estratégias globais de sustentabilidade em um fenômeno midiatizado desenvolve-se a partir do momento em que o discurso da "preservação" e da "eficiência" é materializado na infraestrutura das plataformas. A uniformidade semântica que surge daí é o tecnosolucionismo, uma crença de que as próprias lógicas computacionais que demandam alta carga energética serão, paradoxalmente, as responsáveis exclusivas por salvar o planeta (D'Andréa, 2023).

3. Os impactos ambientais da midiatização

Dentro do contexto de uma sociedade profundamente midiatizada, as experiências cotidianas passam a ser integradas por plataformas e mídias digitais (Girardi Jr., 2021). Os dispositivos que integram essas mídias transformaram as lógicas de consumo de informação e interações sociais, o que engloba a maneira como a sociedade se comporta em relação ao meio ambiente. Nesta pesquisa, trabalhamos com a ideia de que as redes sociais e plataformas de pesquisa operadas pela empresa Meta interagem com o meio ambiente de duas principais maneiras: a partir da veiculação de informações por parte dos usuários e a partir do impacto que o funcionamento das empresas e indústrias físicas têm na natureza (D'Andréa, 2023).

A *Meta Platforms* é conhecida por operar e controlar as principais mídias sociais utilizadas no Brasil atualmente, como o Instagram, Whatsapp e Facebook. A palavra "meta" vem de "metaverso", termo utilizado para indicar um mundo virtual

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

compartilhado em que os indivíduos conseguem interagir mesmo à distância. Segundo a própria empresa,

> O metaverso funcionará como uma combinação híbrida das experiências sociais online atuais [...]. Ele permitirá que você compartilhe experiências imersivas com outras pessoas mesmo quando vocês não puderem estar juntos, e fazer coisas que não poderiam fazer juntos no mundo físico. (Meta, 2021, s.p.)

A midiatização profunda (Couldry e Hepp, 2017) da sociedade caracteriza as plataformas digitais como ambientes próprios que comportam as interações humanas, assim como o "metaverso" se propõe a ser. Ainda de acordo com a *Meta Platforms* (2026), atualmente ela está criando experiências e inovações com inteligências artificiais "para ajudar a criar a próxima etapa na evolução da tecnologia social." Apesar dessas plataformas estarem completamente envolvidas na vida cotidiana, é necessário perceber o custo ambiental utilizado para sustentar essa indústria computacional.

A dimensão do impacto climático se encontra, principalmente, no custo energético necessário para manter os grandes *data centers* funcionando. Em 2019, Dobbe e Whittaker apontaram que o volume de processamento necessário para o processamento dos modelos atuais tem dobrado em intervalos curtos, resultando em uma pegada de carbono massiva. Somado a isso, as empresas de tecnologia oferecem poucos dados sobre os seus gastos energéticos e de emissão de carbono, e os números divulgados ainda são imprecisos (Dobbe e Whittaker, 2019), prejudicando o trabalho de pesquisadores que tentam mensurar o impacto global desse tipo de poluição. Mesmo com a falta de transparência completa, D'Andréa (2023) expõe que as cinco maiores empresas de tecnologia do mundo (as '*Big Five*': Google, Amazon, Apple, Microsoft e Meta) possuem um gasto energético equivalente ao da Nova Zelândia.

O custo ambiental torna-se ainda mais crítico em treinamentos de IAs generativas, tecnologia que empresas como Meta e Google estão investindo ultimamente, segundo Iglecias e Ferrari (2025), que trazem números para evidenciar esse perigo climático: "a pegada de carbono do treinamento de um único grande modelo

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

de linguagem é igual a cerca de 300.000 kg de emissões de dióxido de carbono, o que representa 125 voos de ida e volta entre Nova York e Pequim" (2025, p. 102). Em fevereiro de 2023, a Meta lançou o seu próprio LLM que, como prevê a própria empresa, terá uma receita com IA generativa de $460 bilhões e $1,4 trilhão nos próximos dez anos (Fernandes, 2026).

D'Andréa (2023) conceitua esse impacto ambiental das *Big Techs* como a "plataformização da emergência climática", cujo conceito consiste em perceber que os interesses econômicos e operacionais da *Big Techs* como a Meta moldam os desafios socioambientais atualmente.

A midiatização dos conhecimentos ambientais carrega um custo de carbono invisível ligado à circulação de desinformação. Estudos sobre o derramamento de petróleo na costa brasileira em 2019 demonstraram que o consumo de energia para a propagação de *fake news* e *clickbaits* em plataformas como o Facebook gerou um impacto ambiental alarmante. Considerando que cada pesquisa no Google emite aproximadamente 0,2g de carbono, as emissões geradas pela desinformação de dois milhões de usuários sobre a catástrofe foram equivalentes a quase o dobro do petróleo efetivamente derramado no litoral do Piauí (Iglecias e Ferrari, 2025). Essa situação evidencia que a arquitetura das plataformas digitais pode causar um "segundo derramamento", em que o dano invisível das desinformações veiculadas potencializa o prejuízo físico dos desastres ambientais.

4. Considerações finais

A análise empreendida nesta pesquisa mostra que a midiatização não é apenas um processo de difusão de informações, mas uma infraestrutura que reconfigura os padrões dessa veiculação, interações sociais e conhecimentos ambientais. Ao compreendermos o conceito de dialogia e o papel das plataformas infraestruturais, percebemos que a emergência ambiental está intrinsecamente ligada às lógicas das *Big*

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Techs. A "plataformização da emergência climática" revela uma contradição: ao mesmo tempo em que empresas de tecnologias se vendem como ferramentas de monitoramento e solução técnica para questões climáticas, elas sustentam uma infraestrutura material com uma pegada de carbono significativa, em razão dos gastos energéticos de água, cujos impactos ambientais são frequentemente omitidos do debate público.

A fase atual da sociedade que redefine os padrões de consumo de informação, marcada pelas ambições do metaverso e das IAs generativas, impõe um custo físico real que desafia a noção de uma tecnologia imaterial. A midiatização, ao acelerar a percepção do tempo histórico e ao consolidar plataformas como mediadoras de interação humana, também impôs um ritmo de consumo técnico que é incompatível com a finitude dos recursos naturais e a urgência da estabilidade climática.

Referências

BRAGA, José Luiz. **"O que a comunicação transforma?"** *In.* BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto (Orgs.) Dez perguntas para a produção de conhecimento em Comunicação. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013, v. 1, p. 156-171.

COULDRY, Nick. HEPP, Andrea. **The Mediated Construction of Reality**. Cambridge/UK: Polity Press, 2017.

D'ANDRÉA, Carlos. **Infraestruturas, inteligência artificial e outras tecnosoluções:** Google e a plataformização da emergência climática. Belo Horizonte: Revista da UFMG, v. 30, 2023.

DOBBE, Roel. WHITTAKER, Meredith. **AI and Climate Change:** How they're connected, and what we can do about it. AI Now Institute, 17 out. 2019. Disponível em: https://ainowinstitute.org/publications/ai-and-climate-change-how-theyre-connected-and-what-we-can-do-about-it. Acesso em: 25 mai. 2026.

FAUSTO NETO, Antonio. **Circulação:** trajetos conceituais. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, dezembro, 2018.

FAUSTO NETO, Antonio. **Fragmentos de uma analítica da midiatização**. Revista Matrizes, São Paulo, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

FERNANDES, Samuel Almeida. **O limiar digital:** propriedade sobre a obra e inteligência artificial. Belo Horizonte: Revista Algoritmos e Sociedade, v. 2, n. 1, p. 1-25, 2026.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002

GIRARDI Jr., Liráucio. **Midiatização Profunda, Plataformas e Logjects**. *In*: E-Compós. 2021.

GOMES, Pedro Gilberto. **Como o processo de midiatização (novo modo de ser no mundo) afeta as relações sociais?** *In:* BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto. (Org.) Dez perguntas para a produção de conhecimento em Comunicação. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013, v. 1, p. 127-139.

GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização: um conceito, múltiplas vozes.** Revista Famecos, v.23, n.2, 2016.

IGLECIAS, Patrícia. FERRARI, Vanessa. **Inteligência Artificial (IA) e dano ambiental**. *In*: G. Wedy, H. M. Hupffer. A. R. Weyermüller (Orgs.) Direito e inteligência artificial: Perspectivas para um futuro ecologicamente sustentável. 2024, p. 97–117.

META. **Apresentando o Meta:** uma empresa de tecnologia social. Meta Newsroom, 28 out. 2021. Disponível em: https://about.fb.com/br/news/2021/10/apresentando-meta-uma-empresa-de-tecnologia-social/. Acesso em: 25 mai. 2026.

META PLATFORMS. **Sobre a Meta**. 2026. Disponível em: https://www.meta.com/pt-br/about/company-info/. Acesso em: 25 mai. 2026.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **A midiatização, as narrativas de bicicleta e os fenômenos midiáticos**. Intercom, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 113-132, maio/ago. 2020.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **As Zonas Intermediárias de Circulação, o Quarto Narrador e a reconfiguração discursiva do jornalismo multiplataforma**. São Cristóvão, out. 2022.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Dialogia e atorização: características do jornalismo midiatizado**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Brasília, v. 5, n. 16, p. 4-20, jan./jun. 2015.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

VERÓN, Eliseo. **Teoria da midiatização:** uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. Matrizes, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-191. jan./jun. 2014.